

# CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

*S.º Antonio Hermano*

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



## SUMMARIO

Uma lenda!.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
Immortalis est enim memoria illius.....	<i>P.º Henrique Gomes</i>
Cincoenta annos (poesia).....	<i>A. Moreira Bello</i>
Panegirico de S. Luiz.....	<i>P.º Hermano Amandio</i>
Votos e Saudade (poesia).....	<i>Moreira Bello</i>
Unidade da especie humana.....	<i>José Pereira da Costa</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

**Assignatura.**—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

AOS SRS. ASSIGNANTES

Reclmõs aos srs. assignantes o favor de satisfazerem a importancia de suas assignaturas por meio de vales ou notas ou como melhor intenderem, pois a cobrança pelo correio fica excessivamente dispendiosa.

# JORNAL DO COLLEGIO DE S. DAMASO

## O Collegio

Chega agora ao termo do seu terceiro anno o Collegio de S. Damaso. Tem sido este um triennio de esforços porfiados, de trabalho aturadissimo, mas ao menos á lida penosa não tem faltado o premio compensador. Seis vezes submettemos os nossos alumnos á prova dos exames e outras tantas firmamos o bom nome d'este estabelecimento, com resultados brilhantes. Se é esta a pedra de toque por onde se deve aquilatar o merecimento dos collegios, o Collegio de S. Damaso póde gloriar-se de ter ido sempre na frente disputando primasias a todos os estabelecimentos congeneres. Sobretudo o exito do anno findo, fala mais eloquentemente que o mais rasgado elogio: é a prova provada de que este Collegio satisfaz por completo á sua missão educativa. Damos em seguida o quadro dos exames para que á face dos numeros se possa constatar a inteira verdade do que affirmamos.

**Mapa dos exames do Collegio de S. Damaso no anno lectivo de 1892-1893**

AULAS	Approvedos	Distinctos	Reprovados
Instrução primaria.....	25	—	2
Portuguez .....	29	2	0
Francez .....	29	2	2
Geographia.....	17	1	0
Inglez.....	17	—	0
Historia.....	9	—	0
Latim 1. <sup>a</sup> parte.....	10	—	0
Latim 2. <sup>a</sup> parte.....	6	2	0
Physica.....	7	1	0
M.thematica.....	7	1	1
Philosophia.....	3	—	0
Literatura.....	3	—	1
Desenho 1. <sup>o</sup> .....	12	—	0
Desenho 2. <sup>o</sup> .....	7	—	0
<b>Total.....</b>	<b>181</b>	<b>9</b>	<b>6</b>

## Alumnos distinctos

No proximo numero da «Crença & Letras», bem como no supplemento que havemos de distribuir, publicaremos os nomes dos alumnos distinctos.

## Aulas durante ferias

*Durante ferias, desde 16 de Agosto, ha aulas de Portuguez, Francez, Geographia, Inglez e Mathematica para os alumnos que desejuem fazer exame em outubro.*

*Em attenção a pedidos de varias familias, resolvemos accellar no mez de Setembro, quaesquer alumnos que desejem aproveitar-se das aulas acima mencionadas.*

A Direcção.

## Relatorio da Associação de S. Luiz

(Continuação)

A vida do estudante, passando-se entre as aulas e o estudo, circula dentro d'uma monotonia tal, que muitas vezes chega a entediarse e a atirar ao vento das desilusões as mais caras e legitimas esperanças d'uma familia! E, quando se não realice nenhum d'estes incidentes, a vida academica corre no meio d'uma indifferença moral e religiosa, que assassinando os sentimentos mais elevados, atrophia e corrompe o caracter moral do individuo. O estudante sahe d'um collegio, sahe d'um curso superior sem expediente e sem iniciativa de qualidade alguma, alem das que consistem em enganar o professor e pregar alguma partida ao prefeito.

E no entanto, ninguem ignora que o estudante abriga em seu coração sentimentos os mais nobres e generosos. Tem um instincto e qualidades associativas, que nenhuma outra classe logra possuir. Respira o mesmo ambiente e senta-se nos mesmos bancos, e serve-se á mesma meza.

Foi por isso, que no anno lectivo de 1892-1893 os illustrados professores e generosos alumnos do florescente Collegio de S. Damaso fundaram esta Associação, tendo escolhido para seu Patrono o Angelico S. Luiz Gonzaga, tambem estudante como elles e justamente adoptado como modelo da mocidade das escolas.

Mas quem assistisse aos primeiros lineamentos da Associação de S. Luiz Gonzaga, diria com razoavel fundamento, attento o nosso genio meridional e a estreita esphera da vida aca-

demica em Portugal, «aquillo não pas sa d'um sonho de rapazes que mal pode chegar á tarde do dia seguinte». E dizemos, com rasão e fundamento, porque effectivamente apesar da nossa decidida vontade de fazer alguma coisa, estávamos longe de imaginar sequer, que o sonho d'alguns se transformasse em uma tão brilhante e completa realidade,

Assim, a Associação ainda hontem nascente, surge-nos hoje, magicamente, dando inequivocas provas da sua grande vitalidade.

Quem despreoccupadamente lançar mão do livro das Actas, logo no verso da primeira folha, pôde vêr e admirar com que enthusiasmo foi applaudida a idéa, e a alegria com que foram lançadas as bases d'esta nossa Associação.

Foi auspiciosamente inaugurada, com cento e vinte socios, contando agora cento e trinta e dois aproximadamente.

O dia da installação foi o dia vinte e quatro de novembro, dia glorioso e immorredouro na historia da nossa Associação.

Quem lançou a primeira pedra para este edificio altamente moral foi o Rev.<sup>mo</sup> Snr. P.<sup>e</sup> Antonio Hermano, que lendo á assembleia os Estatutos, pelos quaes se devia governar a nossa futura Associação, nos constituiu seus obreiros. Mas, o que vale a planta de um edificio sem a superintendencia do respectivo architecto!...

Escolhidos para formar a mesa provisoriamente, fomos, no dia vinte e sete do mesmo mez definitivamente eleitos para gerir os negocios da Associação durante o anno economico que hoje finda.

Desejosos de corresponder á confiança e aos favores dos senhores associados, lançamos hombros á empreza.

Esta realmente apresentava-se ardua e capaz de abater os animos mais fortes. Pois nós necessitavamos contrahir despesas e ainda não tinhamos receita!...

E, confessando a nossa culpa, chegamos a viver do credito d'uma Associação, que n'aquella occasião não tinha cinco reis com que mantivesse o seu credito.

Sirva este desabafo de proveitosa lição aos nossos successores. Em nosso auxilio veio, hoje uma parte dos Snrs. rev.<sup>os</sup> Professores, lançando no nosso cofre exausto a primeira recei-

ta. Os livros e talões impressos para as quotas, eram generosamente offerecidos por um generoso professor, poupando-nos a uma despesa relativamente importante. Alguns alumnos houve que, do mesmo modo que os rev.<sup>os</sup> professores, concorreram com valiosos donativos para augmentar a receita. Todos foram considerados socios benemeritos em harmonia com os Estatutos e a todos dirigimos mensagens de gratidão, como se deixa ver do livro das Actas, a fl. 3, 4 e 5 verso. Por occasião do pagamento das primeiras quotas muitos dos Senhores Associados contribuíram com uma quantia superior áquella que realmente deviam como pôde ver-se dos respectivos talões. A todos renovamos a nossa estima e aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento.

(Continúa).

## 6.ª LIÇÃO DE PORTUGUEZ

Acostumae-vos a falar com acerto a lingua materna. O que mais distingue e extrema os povos é a differença do falar.

Cormenin.

Mais gallicismos inuteis:—

*Um outro*, por: outro.

*Atravéz Lisboa*, por: através de Lisboa.

*Tenho affazeres*, por: tenho occupações, etc.

*Estou ao facto*, por: estou sciente.

*Fazem reclame*, por: fazem reclamo.

*Homem de fortuna*, por: homem rico.

*Tenho ainda a dizer*, por: tenho ainda que dizer.

*Está nas boas graças*, por: está na graça, etc.

*Gerbas de luz*, por: feixes de luz.

*Boa conducta*, por: bom procedimento.

O. L.

## O ensino theorico (1)

Se é certo que muitos progressos se tem operado no regimen das escolas primarias, é fóra de duvida que ainda se não varreu de todo o mau habito de não dar a este ensino a feição intuitiva e pratica mais conveniente.

E assim é que o ensino em algumas

(1) Extracto do relatório que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Joaquim José de Meira ellaborou a proposito dos exames de instrucção primaria em Guimarães.

escólas constitue para o alumno uma verdadeira tortura de memoria que por vezes desalenta e perde os mais intelligentes.

A grammatica decóra-se á letra, definição por definição, divisão por divisão: gastam-se mezes e annos em juntar no espirito das creanças umas certas enfiadas de palavras com a segurança necessaria para ellas se reproduzirem em occasião opportuna.

Mas no fim de todo esse tempo não é das regras aprendidas de cór que o alumno deriva o pouco que sabe da analyse grammatical e logica; não é com ellas que o alumno se habilita a lèr, escrever e comprehender a sua lingua.

Estou convencido de que ainda está para vir o primeiro que conhece a natureza das palavras, as distingue e classifica, unicamente porque as compara com as definições estudadas.

E no entanto durante todo este tempo inutilmente consumido em violentar o cerebro da creança com alimentos indigestos e improprios da sua idade, deteriorando por ventura um órgão bem constituido e mal aproveitado, poderiam ministrar-se conhecimentos francamente uteis.

E isto conseguir-se-hia sem desagrado da creança, o qual, não poucas vezes, levado aos extremos d'invincível repugnancia, fórma de estudantes aproveitaveis madraços incorrigiveis.

E o que digo do ensino da grammatica póde com sobeja razão applicar-se ao ensino das noções d'arithmeticas e systema metrico, ao ensino da corographia e dos principios de geometria synthetica, que se comprehendem no programma d'estes exames.

Ainda não é facto muito vulgar apparecer uma escóla primaria particular ou publica, provida do material d'ensino necessario para a mais facil e perfeita comprehensão dos seus alumnos. Não ha um compendio metrico, não ha uma collecção de solidos e figuras geometricas, não ha espheras, globos e mappas.

O ensino faze-e decorando por bem ou por mal os respectivos livros.

E o alumno mais memoriado que apparente de saber muito, é capaz, como tive occasião de verificar por diversas vezes, de dizer todos os rios do paiz, todos os montes, ou todos os districtos, mas fica embaraçado com a mais ligeira reflexão que se lhe faça, mandando-o apontar qualquer dos

objectos que a sua memoria vai despedindo n'uma torrente impetuosa.

Sabe todas as definições de geometria synthetica, mas é Lem capaz de não distinguir um prisma d'uma esphera, ou uma figura plana d'um polydero.

\*  
\* \*

E este pessimo systema d'ensino exclusivamente pelo livro, decorando a torto e a direito aquillo mesmo de que nada se comprehende, não tem só a sua acção nociva, immediata fazendo gastar tempo precioso sem proveito

Faz mais e peor; destroe mais ou menos violentamente o espirito d'observação, d'experiencia e de critica, que devia ser cuidadosamente cultivado.

Por desgraca não é só nas escólas primarias que temos o lamentar este mal, filho em parte da tradição, e da falta de material d'ensino adequado.

Tambem nos institutos secundarios se nos deparam razões de pesar a tal respeito.

Creio que algum tanto se tem melhorado relativamente a uma época não muito distante; mas é certo que em geral os nossos lyceus estão longe de possuir o arsenal proprio para as demonstrações praticas do ensino e com essa falta não raras vezes contribuem, não obstante a boa vontade e comprovada competencia do seu pessoal docente, para accentuar a educação viciosa que o alumno tráz das escólas primarias, e agravado leva aos estabelecimentos d'instrucção superior.

Ainda me recordo de, quando estudante n'um dos nossos lyceus, levar de principio a fim o estudo da physica, da chimica e da historia natural, descrevendo aparelhos mais ou menos complicados e reacções chemicas diversas, sem nunca me ser possivel examinar a machina mais simples nem observar a mais singela reacção.

E assim é que um dos nossos grandes males, o feito rethorico nacional avêso a toda a actividade pratica e proveitosa, nasce nas escólas primarias, accentua-se nos institutos secundarios, e finalmente completa-se e recebe a ultima consagração nos estabelecimentos superiores.

## UMA LENDA (1)

Para o viajante intelligente, cada *straola* de Florença está cheia de memorias de tempos idos; cada escultura phantastica, cada desenho em pedra, cada inscripção misteriosa lembra-lhe os annos em que esta cidade feudal era o foco da Renascença e a sua população era quasi louca de enthusiasmo por essa nobre arte, que Miguel Angelo, Ticiano e outros elevaram ao mais alto grau, na admiração da posteridade.

Em Florença ha um quadro de Baccio Porta mais conhecido pelo nome de Fra Bartholomeu. Este quadro está n'uma pequena mas bem adornada capella lateral da egreja *Della Santissima Nunziata*. Occulta-o á vista um rico sendal, em que André del Sarto pintou a cabeça do Salvador. Por occasião das maiores solemnidades remove-se o veu e os fieis podem contemplar a maravilhosa obra-prima que representa a Annunciação.

O rosto da Santissima Virgem é d'uma belleza surpreendente e a historia de como foi pintada por S. Lucas é assim contada:—

Era em Florença, n'um ardente dia estival: o sol faiscando do meio do azul ceu italiano, inundava de radiações cantantes de luz o formoso vale por onde o Arno se esperguiça e corre. O calor era intenso e a atmospheria immovel, d'uma languidez somnolenta. Nas ruas apertadas as *osterias* faziam um animado negocio, e fóra, nas portadas das casas nobres, á sombra d'alguma arvore antiga, em qualquer logar que offerecesse um abrigo contra os quejiores do sol, havia grupos de *lazzaroni* esfarrapados pedindo esmola; pesados carros de bois guiados por corpulentos *contadini*, pictorescamente trajados á montezina, arrastavam-se aos balçoços pelas ruas além; formosas mulheres garridamente vestidas

(1) Extractada da revista ingleza «The Lamp».

palestravam ás portas; padres graves de tunicas negras passavam vagarosamente para as egrejas d'onde vibrava o som argentino do *Angelus*; marciaes carabineiros de coiraças luzentes e elmos altos, riam e conversavam. Por ali, ao longo de frescas aleas onde a agua murmura em fontes de marmore e arvores gigantes se copam de viridentes ramagens, Dante passeava diariamente meditando talvez o seu poema immorttal e Vinci muitas vezes se sentou ideando por certo a *ultima ceia*.

N'uma pobre cella do convento franciscano estava um monge deante d'um rude cavalleto. Era um homem alto, de meia idade, olhos penetrantes, feições delicadas e barba comprida. Na mão esquerda segurava uma curiosa palleta oblonga, enquanto com a direita distribuia as varias côres com a destreza d'um artista consummado. De repente arremessa de si os instrumentos queridos e um fundo desespero lhe annuvia o rosto venerando. «Não posso!» disse, deixando-se cahir desfallecido sob um tosco banco de carvalho; «o meu cerebro já não tem força e a mão já não tem pericia; ai de mim!»

O quadro, uma obra prima, estava completo, menos o rosto de Maria. Elle desejava apresentar o rosto immaculado da Santissima Virgem em toda a sua celestial pureza, radiado com um nimbo de gloria e um brilho suave de santa inspiração evolando-se de seus virginaes lineamentos; mas esse ideal caprichoso não o conseguiam realizar as tintas impotententes.

O monge compungido, debruçado na janela, espaçava a vista por um maravilhoso panorama: era Físiole com suas formosas casas brancas mosqueando vinhas e olivedos; era o monte de *Bellosquard*, observatorio de Galileu, quando sob o velamen amplissimo da noite ia estudar as orbitas mysticas dos corpos celestes; era o jardim Boboli com seus leitos de flores, fontes sussurrantes e estatuas numerosas...

Olhando fixamente para um determinado ponto do ceu, o absorto mongè viu uma nuvem luzente que parecia de filigrana de prata, a mover-se vagarosamente na brilhante restea de sol que entrava no quarto. De repente viu-se envol-

vido n'este argenteo vapor que breve se dissolveu, e viu uma estranha figura pintando em seu logar.

Ao recém-vindo envolvia-o uma clamylde de brancura offuscante e um nimbo de luz cingia-lhe a formosa cabeça. A pintura progredia rapidamente; primeiro o contorno indistincto d'um rosto sublimemente bello; depois os olhos cheios d'infinito amor; até que o retrato da Mãe Divina se manifestou á vista extatica do fervente filho de Maria. Uma divinal musica fez-se ouvir, o artista celeste manifestou a sua identidade e Fra Bartolomeu accordou. Caiu de joelhos o monge commovido e entoou um hymno de adoração enquanto dos olhos se lhe desfiavam lagrimas de alegria.

Com pomposas ceremonias foi o quadro collocado no logar onde hoje se conserva e, ainda que outras partes d'elle têm sido restauradas por mestres eminentes, nunca se julgou necessario retocar o angelico rosto executado pelo Sancto.

*Rodrigo Moreno.*

---

## IMMORTALIS EST ENIM MEMORIA ILLIUS

(Oração funebre nas exequias do Conde de S. Bento)

Senhores: Não basta trabalhar e possuir, é necessario dar.

A todos assiste a obrigação de mitigar dôres alheias. *Amae-vos unus aos outros*, e a caridade é o amor.

Olhar impassivel os alastramentos da miseria em correria desapoderada, ouvir sem crispções de dôr os soluços do orfãsinho, batido do vento, varejado da chuva, assaltado da fome, escutar serenamente, insensivelmente, toda essa litania de gemidos que se entôa funebremente em todas as espheras sociaes, ver lagrimas sem as enxugar, feridas sem as pensar, —isso não é, isso não deve ser para corações nobres, para corações generosos, para corações catholicos.

Estes devem pensar nos outros, olhar pelos outros, pró-

curar os outros, amar os outros, despontando-lhes abrolhos, dissipando-lhes neblinas, desencrestando-lhes a fronte, desentaldando-lhes o coração.

Devem fazer isto ou mais que isto, na esphera do seu poder.

Os mares da vida estão mui acapellados; rugem tempestades despeitadas, refervem e estrugem voragens medonhas.

Urge abonangar os mares, encadear as tempestades, serenar as voragens.

A caridade fará isso. Caminhe-se pelo mundo, fazendo bem e Deus ha de dar a recompensa. *Quem dá ao pobre, empresta a Deus.*

O nobilissimo Conde de S. Bento compenetroou-se admiravelmente da verdade d'esta affirmativa.

Deu, deu muito, muitissimo, como poucos.

Não sou eu que o digo; são os infelizes arrancados por elle ás garras do infortunio, são templos e misericordias, escolas e hospitaes—o culto e a pobreza, a juventude e a velhice.

Bella figura! Figura de anjo!

O egoismo não o empolgou.

Viver só para si, deixando os outros escabujar febrilmente nos nateiros do pauperismo—isso não sabia elle, isso não fazia elle.

Quem lhe pedisse, recebia, e quem não pedisse, tambem recebia. O seu coração desentranhava-se continuamente em fructos de benção.

Aquelle homem superior, altamente superior, trabalhou para os outros, viveu para os outros.

Queria-se um melhoramento, recorria-se a elle. Queria-se uma festa pomposa, recorria-se a elle. Precisava-se de lenitivo para o enfermo, de consolo para a viuva, de balsamo para feridas, de calmante para dôres, ia-se a elle. E elle sempre de braços extendidos! E elle sempre de coração aberto, com meiguice nos olhares, com sorriso nos labios!

O oiro saia-lhe das mãos em abundancia, a torrentes, cáudalosamente, fecundantissimo.



Fazia muito bem com o seu muito dar.

É necessario instruir a mocidade, formar os cidadãos d'amanhã, desenvolver germens, desabotoar rosas? Funda escolas.

É necessario amparar, fortalecer, revigorar os que perderam forças no combate de todos os dias, de todas as horas, os que baucaram sacudidos pelas lufadas da desgraça?

Funda hospitaes.

É preciso dar lusimento e magestade ao culto, animar as massas, prendel-a, galvanisal-as com deslumbramentos de festas esplendidissimas para intervallar com algumas alegria as muitas tristezas da vida? Que faz? S. Torquato que o diga, Santo Thyrso que o conte—estes dois plinthos em que elle até mais alto se guindou, estes dois obeliscos em que estão gravados os seus mais egregios feitos.

Aqui, n'este logar tam ameno e tam captivante, em que a alma parece separar-se do corpo e voar, voar lá para cima, para o céu, em busca do Ideal que concebera, n'um arrojado de crença, a vista de tudo isto, de todas estas bellezas naturaes, de todas estas grandezas da arte—aqui, n'este cantinho do ceu, affigura-se-me estar ouvir uma voz a dizer genebunda: — O conde! Que nobre alma aquella! Que singular character aquelle! S. Torquato para elle era um iman—atrahia-o. Sentia-se bem aqui, entre corações que o estremeciam, á sombra d'uma amizade filial.

Mas não era nossa e, cumprida a missão, foi receber a coroa da gloria.—

Esta voz, meus senhores, é a voz de todos os corações.

Ninguem ignora a falta que faz aquelle illustre finado.

Homens como aquelle queriam-se muitos, porque valem muitissimo.

Quem dessóre o bom sangue que corre vital nas veias da sociedade, ha muito.

Quem lhe purifique o apodrentado, ha pouco.

Vampiros, esvoaçam por ali muitos.

Pelicanos vêem-se poucos. O egoismo, morbo terrivel e

contagiar, tem-se estendido com uma voracidade espantosa.

O Conde, empunhada a cornucopia da caridade, semelhava um anjo baixado do ceu á terra, as azas translucidas sempre desdobradas, as vestes, alvas de neve, fluctuando divinamente graciosas, nos labios sorrisos a brincarem, no coração amor a borbulhar.

Não se julgue que o nome do Conde fica só vinculado a essas obras de vulto, a esses feitos que deram echo, que espantaram pelo extraordinario da pompa.

No retiro, concentrados na saudade, choram-no muitos corações, porque elle—o que mais é—fez muitissimo bem, a occultas, sem testemunhas, no remanso do seu gabinete, á miséria que tem vergonha, á miséria que foge a luz do dia e os olhares do homem—a peor das miserias.

O *não* é extremamente desconsolador e elle, sabendo isso, jamais o pronunciava.

*Sim* para todos, *sim* para tudo—esse ouvia-se-lhe.

Parecia feito de bondade aquelle homem.

Era um escolhido da Providencia divina para ser a providencia de muitos.

Agigantou-se pelo trabalho, angelisou-se pela caridade. Por elle e por ella immortalisou-se:—*Immortalis est enim memoria illius.*

Senhores: Quereis uma prova eloquentissima, intentissima, da caridade do Conde? Abra-se-lhe o testamento.

Tem partes d'um entranhado affecto pelos que soffrem.

Nota-se n'elle uma alta comprehensão das miserias e dôres alheias.

Não se esquece do escravo que geme avergoado pelo tagante.

Não se esquece da creancinha sem pae e sem pão que iria—quem sabe?—á falta do obulo do Conde enxovalhar-se no muladar da torpeza.

Não se esquece da viuva exposta aos baldões da desgraça, só e desamparada em meio do turbilhão da vida, batida de vendavaes furiosos.

Não se esquece dos que precisam.

E' de oiro aquelle testamento. Encerra um espolio enorme. E' um manancial de bens.

Testamento excellente! Excellentissimo homem! Excellentissimo pela honradez de character, excellentissimo pela nobresa de sentimentos, excellentissimo pela magnanimidade de coração, excellentissimo por tudo.

\*

\* \*

Senhores: A biographia do Conde synthetisa-se n'estas tres palavras—grande, bom, crente.

O elogio está feito. Que mais?

Um adeus de despedida ao illustre finado.

Adeus, Conde! A nossa saudade é immensa, a nossa dôr é suprema.

Precisamos muito de ti, queriamos-te cá em baixo, muito achegado a nós e tu, batendo as azas, umas azas muito brancas que te dêra a Caridade, subiste, subiste para invisiveis paragens—para a Bemaventurança.

Foste receber o galardão devido aos teus meritos.

A nós, em meio da dôr que nos empolgou, resta-nos uma consolação—cá fica quem continuará na senda por vós traçada.

Esta a nossa esperança. Este o nosso desejo.

Adeus, Conde! Este adeus é um gemido de muitos corações enlutados.

Recebe-o como a vera expressão da tristeza mais lancinante.

Que falta, meus senhores?

Uma lagrima, uma lagrima e uma prece:—*Requiem aeternam dona ei Domine.*

## CINCOENTA ANNOS

Meio succulo!... É sonho ou realidade?  
 Affirma-m'o do tempo a voz ingrata;  
 O cabello já raro e còr de prata;  
 O perdido vigor da mocidade;

A longa e acerba dôr, que sem piedade  
 O coração fibra por fibra mata;  
 O cansaço que as forças arrebatada  
 No incessante lidar co'a adversidade!

Oh! quantas lagrimas e angustia quanta  
 N'estes dez lustros de mortal degredo,  
 Que não sei como a muitos prende e encanta!

E todavia de morrer hei medo:  
 De pae, marido e filho a missão santa  
 Incompleta inda está... Senhor, é cêdo!

*A. Moreira Bello.*

## PANEGIRICO DE S. LUIZ

(Continuação)

*Senhores:*

Se para fazer o elogio do nosso heroe, S. Luiz, eu hou-  
 vera de lançar mão das glorias e grandezas d'este mundo,  
 não me faltava material para um longo e substancioso dis-  
 curso.

Realmente, se estudarmos a sua gloriosa genealogia, ve-  
 remos, que elle era descendente d'uma das mais nobres e  
 distinctas familias d'Italia. Viu a luz do mundo debaixo dos  
 tectos dourados de palacio solarengo, envolveram-no sedas  
 e arminhos, girava-lhe nas veias sangue de principes e uma co-  
 rôa devia cingir a sua fronte, pois era o legitimo herdeiro  
 do nobre marquez de Castilhona.

Mas, n'este logar, onde só deve prestar-se culto á vir-

tuge, porque só ella é grande, nada tenho eu que vêr com tudo isso.

Não foi a distineção de nascimento, fabulosas riquezas, brilhantes façanhas, que o elevaram áquelle throno. Não está ali outro Alexandre conquistador do mundo. Não vemos a seus pés os despojos de mil batalhas, sceptros, coroas, escudos, lanças e povos submettidos, chorando as desgraças da patria vencida. Não vedes ali nenhum dos titulos, que o mundo applaude e ambiciona. N'aquelle throno rodêado de tanto esplendor, ouvindo as preces fervorosas de tantos erentes está o ardente cultivador da virtude, o filho da abnegação e da humanidade.

Só a virtude é que pode elevar o homem á dignidade incomparavel de ser collocado n'um altar entre luzes e flores vendo prostrados a seus pés os homens de todas as classes sociaes.

Collocar acima de tudo os bens d'este mundo, é um engano e um erro, que nos pode perder; passar toda a nossa vida em lide afanosa para amontoar um punhado de terra de mais subido preço, é uma loucura, que só tarde conhecemos, é ir empós d'uma miragem enganosa, que nos arrastará a uma queda fatal. A felicidade e a riqueza nem sempre andam em proporção directa; não são duas irmãs inseparaveis. Esta é um facto, que a experiencia quotidiana nos mostra claramente. Todos vós tendes visto, que muitos d'aquelles, que possuem grandes riquezas passam uma vida por vezes bem triste e amargurada. Que profundas tristezas, que dores tão acerbias, que licores tão amargos se não tragam em silencio, bem longe das vistas do mundo, no meio da opulencia! Muitas vezes a adversidade vence tudo, zomba de tudo, da sciencia, da riqueza, do poder, e então o homem é desgraçado no esplendor da gloria, no auge da opulencia, no fastigio da grandeza, se não tem a virtude a amparal-o e a mitigar-lhe o soffrimento com o balsamo salutar da resignação.

Ao contrario, aquelle rude proletario, que vós vedes todos os dias, da aurora ao crepusculo, nas ardencias do estio e nas geadas do inverno curvado sobre a terra, traba-

lhando sempre para se sustentar a si e aos seus, passando as noutes n'uma dura enxerga, é muitas vezes bem mais feliz. Não lhe perturbam o somno phantasmas pavorosos, nem lhe dilaceram o coração dores amarissimas. Não! porque o trabalho é uma virtude!

Não ó comprehenderão assim aquelles, que se dizem grandes e poderosos na terra, porque abysmados na materia, que lhes proporciona todas essas grandezas e glorias, que o vento inconstante da fortuna dá e tira d'um dia para outro, não pódem elevar os olhos para o céo e ver que verdadeira grandeza é aquella, que poderes humanos não pódem dar ou tirar, e mais estavel que as soberbas pyramides do Egypto arrosta immovel e tranquillã as zombarias dos homens.

Muito embora o mundo os eleve ao maior esplendor da gloria, e os povos se curvem á sua passagem em vil adulação, se não floresce virtude alguma em toda a sua vida, todo o seu brilho é falso e fugaz como o do relampago, e essa gloria extinguir-se-ha breve, não lhes dando na hora suprema a menor consolação.

Luiz Gonzaga viu a luz do dia debaixo do céo azul d'Italia, n'esse paiz formosissimo onde o céo não tem nuvens e o sol não tem esmorecimentos, onde as suaves brisas do Mediterraneo agitando a ramagem dos bosques e desferindo notas harmoniosissimas vão animar o genio artistico d'um povo.

Foi ahi, rodeado pelas bellezas da natureza e pelas maravilhas da arte que Luiz nasceu. Sua mãe comprehendeu bem o munus, que pesava sobre seus hombros; comprehendeu que uma mãe deve ser o anjo tutelar da nossa infancia, deve guiar nossos passos sempre pelo caminho do bem, desviar de nós tudo o que possa ferir ainda que de leve a flôr purissima da nossa innocencia infantil. Por isso desde creancinha foi Luiz um anjo de pureza.

Mal sabia balbuciar as primeiras palavras e já suas mãos se elevavam para Deus em oração simples mas fervorosa.

Ao alvorecer da razão, quando nós temos perfeito co-

nhecimento do bem e do mal, já o nosso sancto tinha um cortejo brilhante de virtudes, que eram outras tantas estrelas luminosissimas a aureorar-lhe a frente. Contemplou-as todas, estudou-as uma a uma, e extatico, não sabendo qual escolher, vendo-as todas qual mais brilhante e seductora, amou-as a todas, abraçou-se com ellas n'um amplexo eterno e não mais as deixou. Assim crescia este menino, esta mimosa flor, que havia de abrilhantar com a fragancia de suas virtudes o formoso jardim da Egreja. Assim crescia este menino, que havia de provar ao mundo como se póde ser humilde no esplendor da grandeza, pobre rodeado de riquezas e sancto no verdor dos annos, rodeado de seducções.

Bem cedo, na alvorada da vida, quando tudo nos sorri e nos seduz, conheceu elle o valor, o nada das grandezas do mundo, a falsidade de suas maximas, a corrupção e o veneno de seus deleites. Resistiu a tudo, de tudo triumphou. Collocado pela condição do seu nascimento da mais elevada esfera social, teve de sustentar uma lucta ingente com os mil attractivos, que o cercavam e que o impelliam para o vicio. Bem viu, que as distincções honrosas são origem de todas as desordens e perturbações sociaes; que as glorias do mundo são rosas, que breve murcham e se desfolham; que os thronos desabam e sepultam nas suas ruinas os imperios mais fortes; que uma corôa, ainda que seja tecida de fios d'ouro e cravejada de perolas, esmaga e faz porejar sangue á frente que a sustenta.

Foi por isso que elle desde tenros annos se abraçou á cruz e preferia os suavissimos deleites da oração aos divertimentos mundanos, ás seducções do prazer, e á ostentação da grandeza. E na contemplação de Jesus, seu divino modelo, em meditação profunda, sua alma eleva-se até ás ultimas regiões do Olympo, levanta arrojados voos para um mundo superior, onde tudo é luz e vida. E na sublimação de seus extasis, no remontado de seus voos, Luiz derrama torrentes e torrentes de lagrimas. Mas essas lagrimas, essencia da sua alma, não porvinham de acerbos dores ou remorsos cruciantes, não! Eram lagrimas de consolação, lagrimas purissimas,

que derivavam do seu coração repleto d'amor divino! Abençoadas e consoladoras lagrimas!

(*Continúa.*)

*P.<sup>e</sup> Hermano Amândio.*

---

## VOTOS E SAUDADE

---

Desponta jubiloso, ó sol radiante,  
Que assignalaste o inicio da existencia  
Do filho idolatrado, cuja ausencia  
O coração me punge n'esse instante.

Quando te acerques, no teu curso ovante,  
Mais do solio immortal da Omnipotencia,  
Dos *votos* da minha alma a viva ardencia  
Lhe traduz, por esse ente meigo e amante.

E quando, o mar transpondo do occidente,  
Do disco teu a intensa claridade  
Vás derramar nas regiões do oriente,

Leva do ser querido á soledade,  
N'um raio d'essa luz auri-splendente,  
Do estremecido pae terna *saudade*.

*Moreira Bello.*

---

## UNIDADE DA ESPECIE HUMANA

(Continuação)

- 5.<sup>o</sup> Mas, dirão, ha um facto que destroe completamente a refutação e vem reforçar o argumento. O facto é o seguinte: muito tempo depois dos inglezes se terem estabelecido na Tasmania e na Australia, não se produziu a raça mestiça havendo cruzamento das raças. Este facto em nada destroe a refutação nem augmenta a força ao argumento, porque os colonos inglezes trucidavam barbaramente os indigenas que apanhavam, e estes matavam as



creanças recém-nascidas, filhas de brancos e das raças australiana e tasmânica. Como é que, pois, se havia de formar a raça mestiça? Era impossível.

- 6.º Do cruzamento das varias raças humanas nascem os mestiços que se reproduzem com uma fecundidade *facil, univrsal e indefinida*, como o attestam Buffon, Geoffroy, Saint-Hilaire, Darwin e muitos outros.
- 7.º A raça humana menos fecunda (a americana) cruzando-se com um grupo extranho dá logar á *maxima* fecundidade (1). Mas como o cruzamento de especies diferentes é infecundo, segue-se que estas duas raças pertencem á mesma especie. O mesmo se diz ácerca das outras raças humanas.

VIII—*A constituição physica do homem* tem sido a mesma em todos os tempos e logares, o que prova a homogeneidade da especie humana, pois que tal não succederia se fossem muitas as especies.

#### IX—Nutrição.

O homem é omnívoro; todos os alimentos lhe servem, o que não acontece ás outras especies, que tem cada uma sua alimentação especial. O homem não pode viver exclusivamente de vegetaes ou de animaes. Isto é sufficiente para provar a unidade da especie humana.

#### X—Dom da razão.

Não ha raça alguma por mais selvagem que seja que não tenha concepções abstractas, e que não seja capaz de cultura intellectual. Todos formam sociedades mais ou menos rudimentares, reflectidas e perfectiveis. *Ainda mais*:— Todos os homens teem o dom da linguagem que é a encarnação do pensamento e tão malleavel como elle.

---

(1) O medico polygenista M. Hombrom é quem o affirma.

## XI—Semelhança.

- 1.º Todos os individuos muito semelhantes são da mesma especie. E' assim que os naturalistas consideram como pertencendo á mesma especie individuos que apenas se distinguem por levissimas alterações, ainda que sejam muito differentes os extremos a que nos possa conduzir uma successiva comparação (1).
- 2.º No cruzamento das raças, o mestiço assemelha-se quasi sempre bilateralmente, e o facto mais curioso é-nos fornecido por M. Lislet Geoffroy, engenheiro na Ilha de França e correspondente da Academia das sciencias. Era filho d'um preto e d'uma branca. Tinha as feições, a cor e o cheiro, caracteristicos da raça negra. Tinha um grande desenvolvimento intellectual e moral, caracteres fundamentaes da raça branca (2).  
Argumento este valiosissimo para provar a unidade da especie humana, pois que tal não succede entre os rarissimos productos do cruzamento das especies (os hybridos).
- 3.º Ha muitas vezes differenças entre individuos da mesma raça (especie, segundo querem os polygenistas) e harmonias entre raças differentes (3). D'onde se conclue que os typos das diversas raças não são distinctos, mas ligam-se por uma infinidade de graus e variantes; o que vem confirmar que o genero humano constitue uma unica especie.

## XII—Liberdade e Religiosidade.

Liberdade—é commum a todos os homens e d'ahi o reconhecimento do direito e auctoridade; todos sentem prazer ou remorsos pelas suas acções ou reconhecem-se responsaveis. Pode haver differença da apreciação dos factos, mas todos

---

(1) Unidade da especie humana, artigo publicado na *Revista de Theologia*, em Coimbra, por José J. d'Abreu do Couto d'Amorim Novaes.

(2) Emile Ferrière—*Le darwinisme*.

(3) O polygenista Burmeister é quem o affirma.

concordam em que ha uns bons e outros maus. Todos teem a noção do justo.

Religiosidade—Quando se estudam as differentes raças humanas mais a fundo, nenhuma se reconhece existir sem religião.

*Conclusão*—Tudo isto nos demonstra á evidencia que o genero humano constitue uma unica especie, que se acha dividida em varias classes que são as raças.

Demonstrada pois a unidade da especie humana, uma pergunta se formula: é a essa pergunta que vou responder.

A especie humana descenderá d'um unico tronco ou de muitos? Descende d'um unico tronco, pois que especie, segundo Quatrefages, é o conjuncto de individuos mais ou menos semelhantes, que podem considerar-se como descendentes dum unico par primitivo, por uma serie ininterrupta e natural de familias (1) D'aqui se vê que um dos caracteres distinctivos da especie é a descendencia d'um unico tronco; mas o genero humano constitue uma especie, como já demonstramos; logo ha-de ter este caracter, d'onde se vê claramente que a especie humana é originaria d'um unico tronco.

O livro historico mais antigo que existe, e cuja authenticidade é incontestavel, é o Genesis. Este livro onde se encontra a historia da humanidade, diz que ella provem d'um unico tronco; 1-27: « *et creavit Deus hominem ad imaginem suam: ad imaginem Dei creavit illum, masculum et foeminaem creavit eos* ».

*Este primeiro homem chamou-se Adão e a primeira mulher Eva.*

Muitos esforços se teem empregado para se deduzir da Biblia o contrario, mas sem fundamento serio.

E' uma verdade religiosa que descendemos de Adão e Eva. Por consequencia vemos já que não ha contradicção entre os ensinos da igreja e a sciencia, dizendo uma que todos os homens proveem d'um unico tronco e affirmando a outra que realmente podem provir.

---

(1) L'espece humaine.

Veem ainda corroborar a nossa opinião 1.º as tradições de todos os povos, 2.º a linguística.

1.º Tradição de todos povos — Essas tradições acham-se mais ou menos adulteradas, mas todas são concordes na afirmação de que a humanidade descende d'um unico tronco. Taes tradições não teriam explicação se se não tivessem como a continuação e variantes d'uma tradição primitiva.

## II—A linguística.

Esta, embora não tenha tanta importancia para demonstrar a unidade de tronco, como tem para demonstrar a unidade de especie, algum valor tem, demonstrando as formas primitivas das linguas e analysando os laços que as prendem.

E' assim que está demonstrado que as linguas semitas e chamitas tem um unico tronco.

Isto prova que a humanidade teve um unico tronco.

Conclusão—A humanidade constitue uma unica especie que descende d'um unico tronco.

Coimbra

*José Pereira da Costa.*

---